



O APRENDIZADO DE CONDUTAS ÉTICAS ATRAVÉS DOS VALORES OLÍMPICOS: UMA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA

Resumo - O objetivo deste artigo é analisar uma intervenção que aproxima os valores olímpicos à prática pedagógica da educação física visando facilitar o aprendizado de condutas éticas. Ética será definida como a intenção de uma vida boa, com e para os outros e em instituições justas. O indivíduo tem um papel ativo na construção dos valores numa interação do mesmo sobre o meio e do meio sobre ele. O esporte costuma ser visto como uma ferramenta de ensino e aprendizagem e é justificado por ser um caminho útil para o desenvolvimento de atitudes valorosas. Ao recriar os Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin consolidou as características educacional e humanista do esporte, dando origem à educação olímpica. Entretanto, o desenvolvimento de questões éticas através de práticas esportivas continua sendo um campo com poucas investigações empíricas. Sendo assim, foi proposta uma intervenção para levantar como alunos do 4º ano do ensino fundamental entendiam cada um dos valores olímpicos. Concluiu-se que, mesmo sendo uma temática de alta complexidade, ela não pode deixar de ser feita e registrada para colaborar com estudos futuros, pois os valores podem levar o indivíduo a uma conduta ética.

Palavras-chave: Ética; Valores Olímpicos; Educação Olímpica.

THE LEARNING OF ETHICAL CONDUCT THROUGH OLYMPIC VALUES: A PEDAGOGICAL EXPERIENCE

Abstract -The aim of this article is to analyze an intervention that brings Olympic values closer to the pedagogical practice of physical education in order to facilitate the learning of ethical behavior. Ethics will be defined as the intention of a good life, with and for others and in just institutions. The individual has an active role in the construction of values in an interaction on the environment and the environment on the person. Sport is often seen as a teaching and learning tool and is justified as a useful path for the development of courageous attitudes. In re-creating the Olympic Games, Pierre de Coubertin consolidated the educational and humanistic characteristics of the sport, giving rise to Olympic education. However, the development of ethical issues through sports practices remains a field with few empirical investigations. Thus, an intervention was proposed to rise as students of the 4th year of elementary school understood each of the Olympic values. It was concluded that, even though it is a subject of high complexity, it cannot be stopped and registered to collaborate with future studies, since the values can lead the individual to an ethical conduct.

Keywords: Ethics; Olympic values; Olympic Education.

LA APRENDIZAJE DE LA CONDUCTA ÉTICA A TRAVÉS DE LOS VALORES OLÍMPICOS: UNA EXPERIENCIA EDUCATIVA

El objetivo de este trabajo es analizar una intervención que trae los valores olímpicos a la enseñanza de la educación física para facilitar el aprendizaje de la conducta ética. La ética se define como la intención de una buena vida, con y para los demás y las instituciones justas. El individuo tiene un papel activo en la construcción de valores en una interacción de los mismos en el medio y el medio de ella. El deporte es a menudo visto como una herramienta de enseñanza y aprendizaje y se justifica porque es una forma útil para desarrollar actitudes valiosas. Al recrear los Juegos Olímpicos, Pierre de Coubertin consolidó características educativas y humanísticas del deporte, dando lugar a la educación olímpica. Sin embargo, el desarrollo de cuestiones éticas a través de prácticas deportivas sigue siendo un campo con pocas investigaciones empíricas. Por lo tanto, se propuso una intervención para aumentar ya que los estudiantes de 4º grado de primaria a entender cada uno de los valores olímpicos. Se concluyó que, incluso como un tema de alta complejidad, no puede dejar de ser realizado y registrado para asistir en futuros estudios, ya que los valores pueden hacer que la persona con una conducta ética.

Palabras clave: Ética; Valores Olímpicos; Educación Olímpica.

*Natália Kohatsu
Quintilio*

*Escola de Educação
Física e Esporte*

*Universidade de São
Paulo*

nataliakq29@gmail.com

<http://dx.doi.org/10.30937/2526-6314.v1n1.id2>

Introdução

Ricoeur¹ define ética como a intenção de uma vida boa, com e para os outros e em instituições justas. A vida boa deve ser um modo optativo, no qual se busca a capacidade de escolher por razões, por preferências e com intencionalidade e, também, introduzir uma capacidade de iniciativa que leva a mudanças no curso das coisas. Com e para os outros seria a solicitude, a qual não se desliga da estima e a reciprocidade seria completa apenas nas relações de amizade, na qual um estima o outro tanto quanto a si. As instituições justas envolvem diversos lugares de convivência, como por exemplo, as escolas, de onde partirão as reflexões apresentadas nesse artigo.

Para La Taille², a ética é definida como a busca por uma vida boa, que vale a pena ser vivida e responde à questão: “que tipo de vida eu quero viver?”, definição que nos aponta para o mesmo sentido que apresentou Ricoeur, na qual o componente afetivo tem papel central na tomada de decisões.

A moral é definida por Ricoeur¹ como “lado obrigatório, marcado por normas, obrigações [...] caracterizadas ao mesmo tempo por exigência de universalidade e por um efeito de constrição” (p. 161) e, por La Taille², como um fenômeno social, no qual todas as comunidades humanas seriam regidas por um conjunto de regras de conduta, por proibições cuja transgressão acarretaria sanções socialmente organizadas e responde à questão: como devo agir?

Através dessas definições, assume-se, neste artigo, que moral e ética não são sinônimos, corroborando com a visão dos autores citados e, assim, serão apresentadas as teorias de desenvolvimento moral e, depois, a visão de Yves de La Taille sobre o componente afetivo que, para ele, orienta e define nossas condutas.

O desenvolvimento moral, de acordo com Piaget³ é a construção de uma constante auto-organização que acontece na interação do indivíduo com o meio e envolve a afetividade. Os estudos de Piaget são considerados a raiz da psicologia do desenvolvimento moral e descrevem o desenvolvimento da consciência moral em duas fases: da heteronomia e da autonomia. A primeira caracteriza-se pela obediência às regras, mas sem consciência sobre elas. As regras são impostas por adultos e são obedecidas por amor à autoridade e por medo da punição. Há coação e respeito unilateral. A fase da autonomia é caracterizada pela consciência moral, com questionamentos e reflexões sobre as regras. Pressupõe respeito mútuo e é desenvolvida

através de atividades de cooperação. Existe um autogoverno e o medo de decair aos próprios olhos.

Há diversas abordagens teóricas para o desenvolvimento moral, que possuem suas raízes na abordagem de desenvolvimento cognitivo de Piaget, dentre as quais podemos citar a Teoria de Desenvolvimento Moral de Kohlberg que tem como conceitos básicos as questões, as orientações, os princípios e os estágios morais, os quais serão descritos brevemente:

1. Questões morais: são universais e incluem valores como a vida, o bem, a verdade, a consciência, as regras e leis, as liberdades civis, autoridade, confiança, etc.

2. Orientações morais: a primeira é de ordem normativa, na qual as regras e papéis são determinados de forma que a tomada de decisão é guiada por uma consideração de regras. A segunda é a orientação da consequência, que foca no impacto das decisões para os outros e para si mesmo. A terceira é denominada orientação da justiça e destaca as relações de liberdade, igualdade, reciprocidade e acordos entre as pessoas e é caracterizada pela imparcialidade e justiça na tomada de decisão. A orientação para o eu ideal é a quarta orientação e concentra-se na imagem do eu como alguém com consciência, de alguém que procura manter suas virtudes ou integridade para tomar decisões.

3. Princípios morais: Kohlberg acredita que a orientação para a justiça é a mais adequada das quatro, pois pode levar à formulação de um princípio moral que pode ser usado para decidir de forma justa as reivindicações morais concorrentes e é um modo de escolha o qual queremos que todas as pessoas adotem sempre, em todas as situações.

4. Estágios morais: são estruturas profundas de raciocínio, organizados em três níveis: pré-convencional (de perspectiva individualista e egocêntrica), convencional (período durante o qual se aproxima dos problemas através dos olhos de um grupo social ou a sociedade como um todo) e pós-convencional (reconhece-se os valores universais que não são vinculados a uma norma específica de dada sociedade), os quais englobam dois estágios cada um⁴.

De acordo com Yves de La Taille⁵, para compreender os comportamentos morais dos indivíduos, é necessário conhecer a perspectiva ética que adotam. No plano moral, ele afirma que há um sentimento de obrigatoriedade (invariante psicológico do plano moral) ou dever, o qual não corresponde, necessariamente, a uma exigibilidade

social. Sobre os conteúdos do plano moral e a fonte energética que alimenta o sentimento de dever, La Taille⁵ explica que os conteúdos da moral podem variar para alguns autores.

Independentemente do conteúdo, autores como Piaget e Kohlberg analisaram a dimensão racional da moralidade e não se debruçaram na dimensão afetiva, ou seja, deixaram em aberto questões como: “os indivíduos sempre se comportam de maneira coerente com o que julgam ser o moralmente correto? O que está em jogo é a relação juízo/ação, logo a relação saber/querer (a ação moral, como toda ação, pressupõe um querer agir)”⁵ (p. 108).

Segundo o referido autor, a articulação do plano moral com o plano ético foi dada, a princípio, por Kant, o qual argumentava sobre tal articulação a partir de dois argumentos: “1) A variedade de respostas possíveis ao que seja a felicidade e 2) A busca da felicidade é determinada pela sensibilidade, logo por algo sobre o qual o homem não tem domínio, em relação ao qual, portanto, é heterônomo”⁵ (p. 110).

La Taille⁵ aponta, ainda sobre o plano ético, que pouco se encontra sobre o tema na psicologia e que o tema da felicidade e da vida boa tem sido objeto de estudo recorrente e atual, pois a inquietação ética está no dia a dia e as questões sobre a vida boa são sempre necessárias por incidirem sobre o sentido da vida.

Na relação entre os dois planos acima citados, o autor defende que a questão ética é mais ampla que a questão moral, o que não quer dizer que a primeira determine a segunda. O invariante psicológico do plano ético é a busca pelo sentido da vida e, os conteúdos, dependerão dos sentidos atribuídos à vida. Aqui já se observa uma relação entre os planos moral e ético: “se o grande problema da vida é ela fazer sentido, deduz-se que a moral, ela mesma, e as obrigações dela derivadas, devem também fazer sentido.”⁵ (p. 112). A prevalência do plano ético sobre o moral, já assumido anteriormente, justifica-se por outro invariante de ordem psicológica, que é o sentimento de expansão de si próprio, sendo que essa expansão é condição para dar sentido à vida, assim como esse fazer sentido é condição para a vida boa. Sendo assim, La Taille⁵ assume, portanto,

A hipótese de que a vida somente pode fazer sentido para quem experimenta o sentimento de nela auto-afirmar-se, expandir-se, em uma palavra, atribuir-

se valor. Pela recíproca, quem não consegue, seja lá por qual motivo for, atribuir a si próprio valor, não consegue dar sentido à sua vida e, logo, não usufrui de uma vida boa (p. 112).

Por essa tese, são apresentados dois outros termos: representações de si e valor. As representações de si são as imagens que a pessoa faz de si e são sempre valor. O valor é definido como um investimento afetivo, assumindo que buscar representações de si com valor positivo é lei fundamental da vida humana. Sendo assim, resume-se o estabelecido para o plano ético, do ponto de vista psicológico, como

A busca de uma vida boa implica a busca de uma vida com sentido, e uma vida que faça sentido deve, necessariamente, contemplar a expansão de si próprio, que se traduz pela busca e manutenção de representações de si com valor positivo⁵ (p. 113).

Adota-se, assim, uma teoria geral das ações humanas. As opções do plano ético influenciarão sobre a força do sentimento de obrigatoriedade. É sob essa perspectiva que a abordagem teórica conhecida como *moral self* (ou personalidade ética) encontra-se fortalecida e inspira novas investigações⁵.

Piaget³ defende em seus estudos que o indivíduo tem um papel ativo na construção dos valores. Para que essa construção ocorra, deve haver uma interação do indivíduo atuando sobre o meio e o meio sobre ele e esse meio compreende a família, a escola, os amigos, os meios de comunicação, entre outros, contribuindo para o processo de construção de valores morais.

Sobre a universalidade dos valores, Küng⁶ questiona se um consenso ético, definido como um entendimento e concordância sobre determinados valores, normas e atitudes, como base para a sociedade mundial emergente, não seria uma grande ilusão e propõe o “*Ethos Mundial*”, que não visa nem a uma cultura nem a uma religião únicas. É um “*ethos* para o mundo inteiro, nada mais nada menos que um mínimo necessário de valores, normas e atitudes básicas humanas comuns”⁶ (p. 166). E é corroborando com esse autor que falaremos dos valores relacionados ao esporte que, em seu limite, são valores humanos.

De acordo com Cannon, Cannon, Geddes e Feinstein⁷, o ensino dos valores é um desafio difícil, principalmente se comparado ao ensino de conceitos. Os conceitos são definidos como estruturas de conhecimento e processos de pensamento pelo quais os estudantes classificam os elementos de uma situação e identificam padrões de causa e efeito. Os valores são definidos como os interesses e objetivos das pessoas na vida. Enquanto conceitos são tentativas de representar objetivamente a realidade, interesses e objetivos tendem a ser vistos como expressões subjetivas de personalidade única de cada aluno. No entanto, os interesses e objetivos dos alunos podem ser influenciados pela educação e alguns interesses e objetivos são mais desejáveis do que outros a partir da perspectiva da sociedade e do próprio bem-estar dos alunos.

O esporte costuma ser visto como uma ferramenta de ensino e aprendizagem, através do qual os alunos podem aprender variados conteúdos e é justificado por ser um caminho útil para o desenvolvimento de atitudes valorosas. Segundo Shields e Bredemeier⁴, desde Platão até os políticos e educadores contemporâneos, o esporte é retratado como um construtor de caráter, porém, essa questão recebe pouca investigação empírica.

Com base nos resultados da pesquisa de Wandzilak, Carroll e Ansorge⁸, uma das primeiras a examinar as mudanças no espírito esportivo, no comportamento antidesportivo e as percepções do senso esportivo e raciocínio moral no esporte, já era evidente que, se a educação física contribui para o desenvolvimento de valores, estratégias que empreguem raciocínio moral para além convenção social deveriam ser utilizadas. Em resposta a esta necessidade, uma série de intervenções foram concebidas e implementadas em uma variedade de contextos esportivos.

Mouratidou, Chatzopoulos e Karamavrou⁹ afirmam que o aspecto moral do comportamento humano, com suas consequências positivas e negativas para a sociedade, tem sido objeto de pesquisas relevantes em diversas áreas como a psicológica, sociológica e educacional. No que se refere à educação física e ao esporte, os pesquisadores estão preocupados com esta questão uma vez que o velho ditado "o esporte constrói o caráter" tem sido questionado.

No esporte, devido à necessidade das regras para que as modalidades possam ser jogadas em qualquer parte do mundo e por qualquer pessoa – exigência de universalidade e, pelas punições caso não sejam cumpridas – efeito de constrição,

considero o respeito às regras uma exigência moral, sendo o esporte, então, um fenômeno que exige um comportamento moral. Porém, quais valores podem ser disseminados através do esporte que contribuem para a escolha de condutas éticas desde a infância, tanto em atividades esportivas como nas diárias?

De acordo com Perez e Rubio¹⁰, o Movimento Olímpico, idealizado por Pierre de Coubertin, é baseado no compromisso das pessoas em relação à moral e aos valores humanos. O desenvolvimento desses valores é um processo complexo que se reflete em outros aspectos da vida humana e artística, influenciando a sociedade, a família e a comunidade onde se vive. Os valores olímpicos, que são essencialmente humanos, guiam as condutas de todos os envolvidos no Movimento Olímpico. Os atletas, maiores legados dos Jogos Olímpicos, além de competir, encantam pelo alto nível de suas habilidades motoras, inspiram novas gerações e tornam-se a melhor forma de comunicar e promover os valores olímpicos. São vistos como heróis modernos e, por isso, o esporte torna-se um potente instrumento educacional para ensinar valores e incentivar condutas éticas necessárias para vida social e individual.

Os valores olímpicos estão relacionados às questões culturais e históricas. A princípio eles foram chamados de universais, pois foram pensados por representantes do movimento olímpico com uma visão eurocêntrica do mundo, entretanto, no movimento olímpico contemporâneo, essa visão já foi alterada¹¹.

De acordo com Perez e Rubio¹⁰, são sete os valores olímpicos:

1. Amizade: envolve respeito e conhecimento, bem como afeto e lealdade, mesmo em situações em que a competição está presente. O conceito de amizade sugere a integração entre as pessoas, visando à promoção da paz.
2. Coragem: condição associada à disposição para o confronto. O confronto é entendido como o ato de tomar decisões com base no julgamento que se faz de uma situação e, não necessariamente, no cumprimento de uma ordem ditada por alguém.
3. Determinação: gesto relacionado ao cumprimento de um objetivo que envolve a vontade de agir, a disciplina para o seu cumprimento e a adesão aos princípios que norteiam esta ação.
4. Excelência: implica no mais alto grau de qualidade e perfeição. É a busca para o melhor de si mesmo e, não necessariamente, para superar alguém. Esta condição pode ser estendida para muitas áreas da vida.

5. Igualdade: refere-se ao direito de participação. É a busca de reconhecimento e pertencimento ao que nos humaniza, que é a vida em sociedade. Embora utópica, talvez seja a força motriz por trás de muitos projetos que têm o ser humano como condição fundamental para o desenvolvimento de conhecimento, tecnologia ou política. Igualdade entre pessoas diferentes é um dos principais objetivos da sociedade.

6. Inspiração: é a consideração do sensível na realização da tarefa. É a incorporação dos planos intuitivo e afetivo para realização de uma tarefa que pode ser imposta por uma determinação externa ou interna, resultante de uma ação sistemática, ligando o eu à consciência.

7. Respeito: é um sentimento que leva em conta a outra pessoa. Mais do que a obediência, o respeito implica reconhecer as virtudes do outro. É a condição básica da vida social, que envolve não só o cumprimento da regra, mas, essencialmente, a incorporação de valores que não exigem formas de regulação externa para o seu cumprimento.

Ao recriar os Jogos Olímpicos, Pierre de Coubertin consolidou as características educacional e humanista do esporte, resgatando as ideias originais dos Jogos da Antiguidade. Perez e Rubio¹⁰ apontam que é um desafio constante para o Movimento Olímpico manter viva a chama do Olimpismo. Questões como recursos financeiros e administrativos fazem com que as de natureza filosófica e pedagógica, que são a essência do Olimpismo, sejam deixadas de lado, por isso a importância de ações que valorizam e buscam o desenvolvimento desses aspectos que dão suporte a essa essência. Corroboram com essa visão Chatziefstathiou¹², que acredita que o desenvolvimento de virtudes, excelências humanas e o cultivo de qualidades que levam as pessoas a agir de forma virtuosa deveria ser um dos objetivos da educação física escolar. A ideia é que a promoção dos valores olímpicos seja visto como tarefa educativa e, o esporte, como um meio. Sendo assim, quando o Olimpismo encontra-se no ambiente educacional, organizado em tarefas educacionais, seja formal ou informal, dá-se origem ao que Pierre de Coubertin chamou de Educação Olímpica, tornando-se um importante conteúdo escolar e não apenas da educação física. Para Tavares et al¹², a educação olímpica não trata de um conteúdo definido, mas de “um conjunto de atividades educativas de caráter multidisciplinar e transversal, tendo como eixo integrador o esporte olímpico” (p. 84) e, para Müller¹⁴, a educação olímpica possui características como: desenvolvimento

harmonioso do ser humano, busca pela perfeição, atividade esportiva ligada aos princípios éticos, conceito de paz e boa vontade entre nações e emancipação no e através do esporte.

Para compreender o Olimpismo, Binder¹⁵ afirma ser essencial conhecer sua missão educacional, descrita por alguns princípios fundamentais da Carta Olímpica. Um deles define o olimpismo como uma filosofia de vida que exalta e combina, em equilíbrio, as qualidades do corpo, do espírito e da mente, aliando o esporte à cultura e à educação. Outro princípio é criar um modo de vida baseado na alegria encontrada no esforço, no valor educacional do bom exemplo e respeito pelos princípios éticos universais. Por fim, o objetivo do olimpismo é colocar o esporte a serviço do desenvolvimento harmonioso do homem, incentivando uma sociedade pacífica preocupada com a dignidade humana.

Para Chatziefstathiou¹², o olimpismo e suas esferas não são estáticos e fechados de valores, mas uma filosofia de vida flexível e adaptável a vários contextos. Isso pode ser visto na mudança de preocupações, com o olhar atual voltado para questões como a responsabilidade social, corporativa e sustentabilidade.

De acordo com Parry¹⁶, Pierre de Coubertin, ao criar essa filosofia, não tinha como foco apenas os atletas de elite e, sim, todos os cidadãos. Não apenas para o curto período de tempo que envolvia a edição dos jogos olímpicos e, sim, toda a vida; não apenas competir e vencer, mas, também, a participação e a cooperação. O esporte não deveria ser uma atividade em si mesma, mas um meio de formação e desenvolvimento, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e social.

O Movimento Olímpico, promovido pelas entidades que coordenam os jogos olímpicos e norteado pela filosofia do olimpismo, apoia-se nos princípios de Pierre de Coubertin e a Educação Olímpica surgiu da vontade em usar o esporte como meio de promover e perpetuar valores como a paz, a amizade e o progresso. Esses princípios fundamentais sugerem componentes de uma possível estratégia de ensino e aprendizagem e, desde os anos de 1970, estudiosos do olimpismo refazem as ideias sobre seu enfoque pedagógico e o esporte seria o meio através do qual os objetivos seriam atingidos.

É importante ressaltar que o termo “educação olímpica” prevê, antes de pensar na formação de um atleta, a formação de seres humanos dotados de conhecimento e valores que nortearão suas condutas¹⁵.

Futada¹⁷ destaca que não há como dizer que todos os programas de educação física, formais ou não formais, contemplem os objetivos contidos na Educação Olímpica. Devido a influências pessoais, coletivas, institucionais, física, políticas, financeiras, entre outras, este programa acaba sendo um pilar ideológico ou um complemento teórico-prático em seu estabelecimento e desenvolvimento. Cabe ressaltar que a educação olímpica é um dos pilares do Olimpismo, o qual representa um universo ideológico, porém, isso não limita sua apropriação por diferentes contextos, mas, “como qualquer proposta educacional, ela deve ser revisada quanto aos seus conceitos, valores e significados para uma prática inerente ao processo educativo para todos os sujeitos envolvidos” (p. 26). O mesmo autor defende que, ao mesmo tempo que a educação olímpica pode ser vista como uma proposta vaga, por basear-se em proposições de valores humanos universais, essa multiculturalidade e inter-relação com diversos temas permitem que seja um potente instrumento de intervenção.

O legado da educação olímpica, principalmente no Ensino Fundamental e Médio, mais do que servir de ponte entre a busca pela excelência por atletas e o alcance de sonhos por uma criança, é tornar realidade as possibilidades de virem a ser seres humanos construtores e apreciadores da cultura corporal.

De acordo com Moretti, Tapetti e Sígoli¹⁸, os valores olímpicos podem ser aprendidos e ensinados de diversas formas, seja via educação formal, informal ou não formal. Sendo que essa intervenção ocorreu no ambiente escolar, de caráter formal, porém, por mais que houvesse a sistematização de um conhecimento a ser ensinado, pela educação física não ser disciplina que reprova no contexto onde a pesquisa foi feita, a não obrigatoriedade das atividades tornou-a não formal e, esse fato, pode ter colaborado na fluidez do imaginário dos alunos e reduzida a influência de se gerar um produto “do gosto do professor”.

Método

Esta intervenção foi proposta para fazer um levantamento inicial de qual era o conceito que cada aluno tinha sobre cada um dos sete valores olímpicos (amizade,

coragem, determinação, excelência, igualdade, inspiração e respeito) com o intuito de verificar se os alunos tinham claros os significados destes valores para que as intervenções posteriores como debates, vivências práticas, vídeos, entrevistas, entre outros, pudessem ser mais efetivas.

Participaram alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública no município de São Caetano do Sul. A partir de uma atividade teórica, os mesmos foram orientados a escrever o significado de cada valor. Como foi em ambiente escolar, explicou-se que a atividade não valeria nota e que não havia resposta certa ou errada, afinal, o objetivo era saber como eles entendiam previamente cada valor.

Serão apresentados exemplos que demonstram a “falta de conhecimento” para definir determinado valor, as definições que aparecem com mais frequência e as mais curiosas. Não houve critério científico para essas escolhas, foi apenas o caminho escolhido através da experiência da professora pesquisadora para apresentar os dados.

Resultados e Discussão

O primeiro valor para o qual os alunos buscaram uma definição foi a amizade. A tabela 1 apresenta alguns exemplos:

Tabela 1 - Exemplos de resposta para “amizade”.

AMIZADE		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
“Não sei explicar”	“Trabalhar em equipe”	“Alguém que está do seu lado em momentos tristes e alegres”
	“Ajudar os outros”	“Uma aliança que você faz com um dos seus melhores amigos considerando ele da sua família”
		“Pra mim amizade é arrancar um sorriso de alguém”
		“Quando seu melhor amigo

(a) está com você no que
der e vier”

As definições trazidas logo no primeiro conceito analisado indicavam a inocência infantil que simplificava o sentido daquilo que os adultos buscam, rebuscadamente, explicar. A amizade, para as crianças, encontra-se nas atitudes do dia-a-dia de forma inocente, a princípio, sem interesses. Foi interessante observar que é um valor quase que inerente à existência humana e desperta sentimentos bons, como “arrancar o sorriso de alguém”.

O próximo valor foi a coragem. A tabela 2 apresenta alguns exemplos:

Tabela 2 - Exemplos de resposta para “coragem”.

CORAGEM		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
	“Não ter medo”	“É tipo quando você vai dar um mortal na piscina”
	“Não desistir”	“Ter confiança e fazer o que for preciso mesmo que isso te ponha em risco”

Como observado nos exemplos acima, ter coragem, para os alunos, pressupõe o desafio a algo que traz medo ou ao que é muito difícil. A disposição de enfrentar algo que parece ser “maior que eles”, desperta esse valor que, em seu limite, nos leva a fazermos aquilo que era considerado impossível.

A determinação é o terceiro valor para o qual os alunos buscaram uma definição. A tabela 3 apresenta alguns exemplos:

Tabela 3 - Exemplos de resposta para “determinação”.

DETERMINAÇÃO		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
“Não sei”	“Lutar para conseguir o que você quer”	“Confiar e falar que você pode e você consegue”

“Eu nunca ouvi essa palavra”	“Ter vontade de fazer alguma coisa”	“Coração forte”
“É quando você faz uma coisa que você termina”		“Nunca desistir, mesmo se estiver perdendo”
“Deter que aquela pessoa te machuque”		“Força, fê”
“É não se achar”		“Sempre fazer o seu melhor para conquistar o que você mais quer”
“Você não ficar brigando com o outro”		

Com as definições trazidas para o valor “determinação”, observou-se que alguns alunos não sabiam seu significado, o que nos leva a refletir sobre o quanto as crianças estão sendo incentivadas para atingirem e superarem seus objetivos.

A excelência foi outro o valor a ser definido e, junto com a determinação, foi o qual elas mais apresentaram dificuldade. A tabela 4 apresenta alguns exemplos:

Tabela 4 - Exemplos de resposta para “excelência”.

EXCELÊNCIA		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
“Ter esperança de fazer aquilo o que você quiser”	“Ser bom no que pode”	“Sempre manter a perfeição, não importa o que aconteça”
“Nunca tirar a concentração dos outros”	“Ser excelente”	“Tentar fazer bem, treinar para ser bom”
“Se outro ganhar, fale parabéns pra ele”		“Ser digno”
“Para você ficar nas regras”		“Respeitar uma pessoa poderosa”*
“Falar a verdade”		“Eu acho que excelência é

	ser brilhante”
“É ordenar”	“É um jeito de falar com uma pessoa respeitosamente”*
“Nunca ouvi essa palavra”	

As respostas marcadas por (*) não foram consideradas como “falta de conhecimento”, pois não apresentam erro conceitual em relação à palavra excelência, apenas não foi aplicada dentro com contexto da atividade e, por isso, foram consideradas “curiosas”.

O desconhecimento sobre a definição dos conceitos “determinação” e “excelência” levanta a discussão sobre a influência da escola sobre o estilo de vida que as crianças de hoje estão adotando. A vontade de querer fazer algo e, sobretudo, da melhor forma que se pode, tem parecido ser algo incomum.

A igualdade é mais um valor que as crianças tentaram definir. A tabela 5 apresenta alguns exemplos:

Tabela 5 - Exemplos de resposta para “igualdade”.

IGUALDADE		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
“Ter orgulho do que você faz”	“Pode ser igual a alguém”	“Porque igualdade porque imito”
	“Não tente ser melhor que os outros, todos somos iguais”	“Não trapacear”
		“Ter um bom coração”
		“Todo mundo é igual mas tem seu próprio jeitinho”

A tabela 6 apresenta alguns exemplos das definições dadas para inspiração:

Tabela 6 - Exemplos de resposta para “inspiração”.

INSPIRAÇÃO		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
“É quando você fica feliz”	“Se inspirar num atleta para você no futuro ser um”	“É você soltar o ar e continuar jogando”
	“Eu me inspiro em alguma pessoa, ou alguma coisa, ou algum objeto”	“Você fazer alguma coisa e alguém fala que você vai conseguir”
		“Coisa que te alegra”
		“Quando a gente se acalma e tenta fazer tudo com calma”
		“Respiração”
		“Fé, vontade”

Quando nos deparamos com respostas como “coisa que te alegra”, podemos considerar que é uma inspiração que vem de dentro da criança, ou seja, alguém a incentivou e ela se inspirou a seguir e não por um exemplo a ser seguido.

Assim como na definição de excelência, algumas repostas fazem referência ao ato de inspirar, em oposição à expiração. Portanto, seguindo o mesmo critério, não foram consideradas como “falta de conhecimento”.

O último valor que os alunos definiram foi o respeito. A tabela 7 apresenta alguns exemplos:

Tabela 7 - Exemplos de resposta para “respeito”.

RESPEITO		
Falta de conhecimento	Mais frequentes	Mais curiosas
	“Ter educação com todos”	“Faça uma coisa agradável”
	“Não ofender o adversário falando que eles perderam”	“Você não fala que ele é fraco e que não vai

conseguir ganhar e sim fala
que vai conseguir”

“Aceitar a decisão de
alguém”

Apresentados alguns exemplos das definições dadas por alunos do 4º ano do ensino fundamental de uma escola pública, é interessante observar como definir algo subjetivo, como um valor, é uma tarefa que exige empenho, corroborando com Cannon, Cannon, Geddes e Feinstein⁷, que afirmam que ensiná-lo também não é simples devido à sua subjetividade.

Um mesmo valor pode ser definido de diferentes formas, apontando para o fator idiossincrático que dá aos conceitos um significado resultante das experiências de vida. Considerar apenas o significado denotativo dos valores pode deixar de lado a visão ativa do indivíduo na construção dos significados dos valores e desconsiderar sua subjetividade. Encontram-se exemplos do significado conotativo, por exemplo, na amizade: “alguém que está do seu lado em momentos tristes e alegres”, “uma aliança que você faz com um dos seus melhores amigos considerando ele da sua família”, “pra mim amizade é arrancar um sorriso de alguém” e “quando seu melhor amigo (a) está com você no que der e vier”.

De acordo com autores como Ricoeur¹ e La Taille², a ética está intimamente ligada à escolha por uma vida boa. Conforme discutido anteriormente, vida boa é uma opção ao estilo de vida que se quer viver.

Entende-se que, se os valores olímpicos forem vivenciados desde a infância, tanto nas aulas de educação física como em outras disciplinas, a visão de Chatziefstathiou¹² será contemplada na busca pelo desenvolvimento de virtudes, excelências humanas e o cultivo de qualidades que levem as pessoas a agir de forma virtuosa.

Conclusão

Sabe-se que este é apenas um primeiro e discreto passo para uma intervenção que visa trabalhar os valores e o desenvolvimento moral. Entretanto, numa temática

pouco explorada, devido à sua complexidade, não se pode descartar qualquer tentativa de exploração e o registro das mesmas pode colaborar para estudos futuros.

As crianças, ao vivenciarem atividades esportivas e competitivas certamente serão confrontadas com situações que vão cobrar posicionamentos. A função do professor é de orientar seus alunos no sentido de escolhas éticas, baseadas em valores que, não apenas por suas crenças, mas de acordo com valores universais, são benéficos para a humanidade. Sendo assim, acredito que esses valores podem levar o indivíduo à escolha de condutas éticas, ligada ao que o indivíduo tem interiorizado e não balizado por punições/valorização externas. São condutas baseadas em princípios para transformar.

Referências

- 1 Ricoeur P. *Leituras 1: em torno ao político*. São Paulo: Edições Loyola; 1990.
- 2 La Taille Y. *Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas*: Porto Alegre: Artmed; 2006.
- 3 Piaget J. *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus; 1994
- 4 Shields DL, Bredemeier BL. Moral development and behavior in sports. In: Singer RN, Nausenblas H A, Janelle CM, Editors. *Handbook of sport psychology*. New York: Wiley; 2001.
- 5 La Taille Y. Moral e ética: uma leitura psicológica. *Psic.: Teor. e Pesq.* 2010; 26(spe): 105-114.
- 6 Küng H. *Uma ética global para a política e a economia mundiais*. Petrópolis, RJ: Vozes; 1999.
- 7 Cannon HM, Cannon JN, Geddes BC, Feinstein AH. Teaching Values: an Experiential Approach. *Developments in Business Simulation and Experiential Learning*. 2016; 43: 273-283.
- 8 Wandzilak T, Carroll T, Ansorge CJ. Values development through physical activity: Promoting sportsmanlike behaviors, perceptions, and moral reasoning. *J Teach Phys Educ*. 1989; 8 (1): 13-22.
- 9 Mouratidou K, Chatzopoulos D, Karamavrou S. Moral development in sport context: utopia or reality? *Hellenic Journal of Psychology*. 2007; 4: 163-184.
- 10 Perez CR, Rubio K. The understanding of olympic values by brazilian olympic athletes. *International Journal of Humanities Social Sciences and Education*. 2014; 1(12): 37-43.
- 11 Rubio K. Olympic education: a teaching proposal for public schools of São Paulo. *International Journal for Innovation Education and Research*. 2013; 1(4): 109-120.
- 12 Chatziefstathiou D. Olympic education and beyond: olympism and value legacies from the olympic and paralympic games. *Educational Review*. 2012; 64(3): 385-400
- 13 Tavares O, Belém C, Godoy L, Turini M, Gomes M, Todt N. Estudos olímpicos – Academia Olímpica Brasileira – Educação olímpica. In: DaCosta L. Editors. *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: CONFED, 2006.

14 Müller N. Olympic education: university lecture on the Olympics [online article]. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB). 2004; disponível em <http://olympicstudies.uab.es/lectures/web/pdf/muller.pdf> [2017 apr 01].

15 Binder DL. Teaching olympism in schools: olympic education as a focus on values education: university lectures on the olympics [online article]. Bellaterra: Centre d'Estudis Olímpics (UAB). International Chair in Olympism (IOC-UAB), 2010; disponível em http://olympicstudies.uab.es/2010/docs/binder_eng.pdf [2017 apr 01].

16 Parry J. Sport and olympism: universals and multiculturalism. *Sport Ethics Philos*. 2006; 33(2): 188-204.

17 Futada FM. Educação olímpica: conceito e modelos. In: Rubio K. Editors. Educação olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.

18 Moretti AR, Tapetti CH, Sígoli MA. Educação olímpica formal, não formal e informal. In: In: Rubio K. Editors. Educação olímpica e responsabilidade social. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.